

KARL MARX E A TEORIA DA CATÁSTROFE INEVITÁVEL

Karl Marx, um judeu alemão nascido em Trier em 1818, foi o maior estudioso da economia em todos os tempos e, como é sabido, o maior crítico do sistema capitalista. Denunciou-o como um modo de produção mais sofisticado do que a escravidão na exploração do homem pelo homem. O capitalismo, disse ele, apesar do enorme progresso técnico e material beneficiava somente uns poucos, aos capitalistas, os donos dos meios de produção (as fábricas, os bancos, as minas e as terras). A massa da população, os trabalhadores e os homens do campo, ao contrário, viam-se reduzidos à salários de fome.

A interpretação da crise econômica feita por ele, foi logicamente afetada por essa visão negativa do capitalismo. Marx, por vê-lo como um sistema historicamente datado, isto é, que se tinha um começo, um início, previu seu fim. Profetizou que o capitalismo terminaria através de uma Crise Geral. Seus seguidores, especialmente os sociais-democratas alemães, foram além, polemizando em torno da chamada teoria da catástrofe inevitável do capitalismo (*Zusammenbruchstheorie*) que faria com que a derrocada dele seria seguida pela implantação do socialismo, da sociedade sem classes.

A concepção da crise em Marx

A razão maior da crise econômica para Marx devia-se a própria irracionalidade do processo produtivo. O capitalismo baseava-se em duas premissas que conduziam-no a uma crise permanente. A primeira delas é que a concorrência provocava a anarquia da produção. Muitos capitalistas competindo entre si, quase sem regras, terminava, por jogar no mercado manufaturados em excesso, provocando uma superprodução. Ao não conseguirem vendê-los, porque os salários dos trabalhadores eram baixos, dava-se o subconsumo. Os seus lucro então estavam em decrescência fazendo com que os investimentos fossem suspensos, gerando desemprego e quebras em série. A outra premissa devia-se ao fato de que o sistema produtivo no capitalismo não estava voltado para as necessidades sociais (para atender o consumo básico da população) mas para satisfazer o lucro dos proprietários, provocando situações inacreditáveis (como por exemplo, num país faminto os produtores de grãos queimarem a produção por não considerarem os preços ofertados atraentes).

A evolução do capitalismo, além disso, gerava um outro problema. Devido a concorrência, onde os mais fracos eram eliminados do processo produtivo pelos mais fortes, dava-se uma assustadora acumulação de capital em poucas mãos. Quanto mais o capitalismo avançava menos gente era proprietária, mais estreitava número dos poderosos, menos sobrava aos demais.

Para Marx a convergência de riqueza e de poder sob controle da classe burguesa provocava, num outro polo social, o aumento da miséria da população e a proletarianização dos indivíduos

(proletário para Marx era o trabalhador, aquele que não tinha nada a não ser a sua força de trabalho, a qual alugava ao capitalista em troca de um salário).

Para o futuro, a lógica de Marx induzia a previsão de um colapso geral do sistema. A aceleração da riqueza simultânea e da miséria levariam a uma aguda luta de classes, resultando que, o capitalismo devastado seria superado por um outro sistema produtivo, mais justo e mais igualitário. Ele estava condenado pela História porque trazia em si mesmo o germe da sua destruição.

O processo de superação do capitalismo, evidentemente, não se faria sem uma intensa batalha na qual os capitalistas e seus aliados sociais tentariam evitar o seu fim. A consequência lógica disso seria uma Revolução Social radical que implantaria, através da Ditadura do Proletariado, o modo de produção socialista, no qual a propriedade privada dos meios de produção seria abolida. Esta visão terminal do capitalismo começou a ser revisada no final do século 19, e começos do século 20, pelos chamados revisionistas, isto é, seguidores de Marx que acreditavam ser preciso fazer alterações na teoria do mestre porque a realidade não confirmava suas previsões.



RELACIONE CICLOS ECONÔMICOS COM:

- Taxa de lucro: discuta como a teoria explica essa relação

A "DESTRUIÇÃO CRIADORA" DE SCHUMPETER

Uma outra interpretação da crise econômica, basicamente de viés tecnológico, surgiu em 1911, exposta pelo economista austro-americano Joseph Schumpeter no seu A Teoria do Desenvolvimento Econômico (*Theorie der Wirtschaftlichen Entwicklung*). O capitalismo, para ele, desenvolvia-se em razão de sempre estimular o surgimento dos empreendedores, isto é, de capitalista ou inventores extremamente criativos - os inovadores - que eram os responsáveis por todas as ondas de prosperidade que o sistema conhecia. Para Schumpeter eram eles os heróis da modernidade. O progresso dependia essencialmente desta vanguarda de empreendedores que quase sempre surgiam em grupos.

Nas etapas iniciais do capitalismo, na época do capitalismo concorrencial, o papel do empresário inovador misturava-se com o capitalista que engendrava o inusitado, que tanto poderia ser o lançamento de um produto até então desconhecido, que não existia antes no mercado (como por exemplo o telefone ou o automóvel), ou uma nova técnica de produzir (como fordismo ou taylorismo). Como igualmente a descoberta de uma nova matéria-prima ou mesmo a conquista de um outro mercado ainda não desbravado.

Qualquer dessas situações, mesmo que iniciada num só setor produtivo, provocava uma onda geral de transformações. O empreendedor compensava-se com enormes lucros porque coube a ele a primazia. Estabelecia-se assim o que Schumpeter chamou de lucro do monopólio, que gradativamente diminuía quando outros competidores se aproveitavam da inovação, explorando o caminho já aberto.

Tal processo de introdução do novo não era e não é feito sem dor. Ele destruía o que era antigo. A invenção do transporte à vapor por exemplo, os trens e os navios fizeram desaparecer a vasta rede preexistente de diligências, de carruagens, de clippers e demais embarcações à vela (tal como a informática e a robotização estão cancelando definitivamente milhares de postos de trabalhos nos escritórios e nas fábricas). Como também, no século 19, a adoção dos teares mecânicos na indústria têxtil, primeiro na Inglaterra e, depois, em grande parte da Europa, arruinou o trabalho artesanal, infelicitando milhares de famílias ao reduzi-las. Na ótica de Schumpeter toda a inovação implica pois numa "destruição criadora". O novo não nasce do velho, mas sim brota ao seu lado e supera-o. Pode-se derramar lágrimas pelos que foram massacrados pela tecnologia mais recente, mas isto não detém o progresso nem altera o seu resultado final.

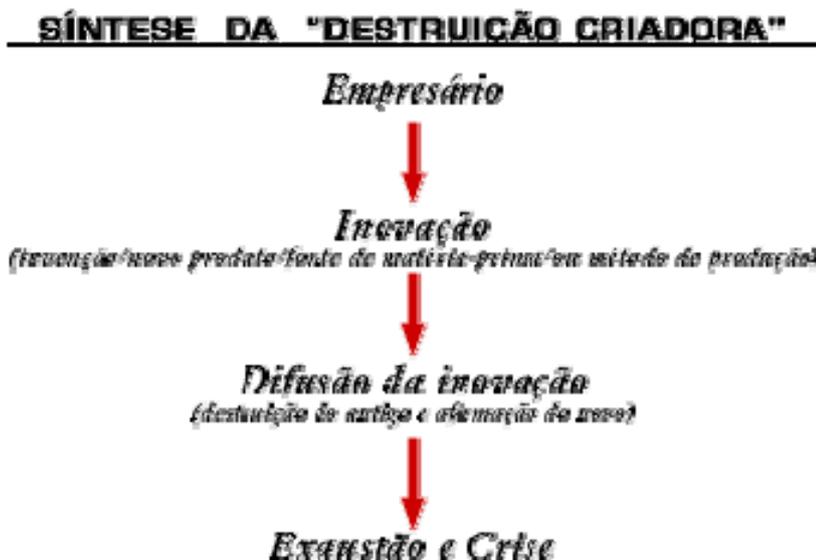
Na chamada fase do capitalismo trustificado (ou monopolista) ocorre uma significativa alteração. O agente da inovação não é mais o proprietário, o capitalista, mas sim alguém contratado pela grande corporação para elaborar os futuros projetos transformadores. Há uma ruptura entre o papel do capitalista e do empreendedor. Hoje ela, a inovação, processa-se em laboratórios especiais de cientistas e pesquisadores que são os novos agentes do desenvolvimento econômico. O

capitalista agora é acima de tudo um aglutinador de mão-de-obra altamente qualificada. Quando ocorre então a crise?

Tanto no capitalismo concorrencial do passado como no moderno trustificado, ela decorre da exaustão dos efeitos da inovação. Quando, por exemplo, um novo produto chegou aos limites mais extremos do mercado, saturando-o. Os lucros então declinam gerando uma reação negativa em cadeia, fazendo os negócios refluírem (no seu princípio a televisão proporcionou enormes lucros aos seus fabricantes, mas depois, com o tempo, quando quase todos os consumidores adquiriram um aparelho, aqueles ganhos originais mantiveram-se constantes).

Sucedem-se então as falências, as concordatas, e o desemprego. A estagnação só será rompida quanto uma outra inovação chegar ao mercado, impulsionando a retomada do crescimento. Nunca se sabe quanto tempo dura um período ruim desses, quase sempre inflacionário, mas Schumpeter afirmou que este comportamento da economia capitalista era cíclico - ele estudou-o detalhadamente no seu Ciclos Econômicos (Business Cycles, 1939).

Períodos	Ondas de inovação tecnológica
1790-1844	Primeira fase da Revolução Industrial; expansão do sistema fabril, carvão e ferro.
1845-1890	Difusão da máquina a vapor, navegação à vapor e estradas de ferro. Fabricação do aço.
1895-1945	Expansão da eletricidade, da química e dos motores à combustão.



RELACIONE CICLOS ECONÔMICOS COM:

- Inovação e tecnologia: discuta como a teoria explica essa relação

KEYNES E A SUPERAÇÃO DA CRISE

Em 1929, com a súbita quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, em outubro daquele ano, deu-se a mais calamitosa debâcle econômica e social deste século. É certo que ocorreram outras no passado, mas nenhuma delas atingiu as proporções do Big Crash que devastou quase o mundo inteiro. Os Estados Unidos chegaram a contar 14 milhões de desempregados enquanto a Alemanha somou mais de 6 milhões. A extensão e a profundidade dela fez com que as teorias conhecidas até então (as denominadas "clássicas", não-marxistas) se mostrassem impotentes em resolvê-la. Na mentalidade liberal "ortodoxa" então vigente, as crises eram entendidas como coisa temporária, simples "ajustes de mercado", sem maiores conseqüências do que algumas falências e concordatas.

A Grande Depressão, como passou a ser chamada, estendeu-se porém por muitos anos e foi a principal responsável - com a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha em 1933 -, pela eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939-45). Foi em tal cenário desesperador que emergiu a teoria keynesiana. Nascido em Londres em 1883, John Maynard Keynes era um eminente economista inglês que elaborou uma sofisticada fórmula para salvar o capitalismo da depressão em que se encontrava. De 1930 até 1936, ele publicou uma série de artigos e livros (o mais famoso deles foi A Teoria Geral...) procurando mobilizar seus colegas economistas e influenciar os políticos para que seguissem sua receita.

Keynes interpretava a crise como resultado da recusa dos capitalistas em investir. A palavra chave era pois o investimento(*). E porque eles negavam-se a isso? Porque não viam nenhuma perspectiva de retorno lucrativo no que aplicassem. O investimento pois dependia sempre das expectativas futuras. O capitalista, para decidir-se, tinha que levar em conta a evolução e o comportamento do mercado, quanto pagaria de salário, e qual seria o preço das matérias-primas necessárias à produção. Havendo sérias dúvidas a respeito ele optava por não correr o risco. Era preferível guardar o dinheiro, entesourá-lo.

O capitalista afinal era um ser arredo - um animal spirit - que queria sempre acumular mais. Se as circunstâncias não permitissem, ele aguardaria uma situação melhor. Enquanto isso, enquanto ele não se determinava, a sociedade padecia. A ausência de investimento trazia consigo um corolário de desgraças e ameaçava até a sobrevivência do capitalismo, devido a intensificação das lutas sociais, dos protestos, das greves e das ameaças revolucionárias.

Nestas circunstâncias dramáticas, caracterizadas pela falta de demanda efetiva (ninguém encomendava nada, ninguém comprava coisa nenhuma), Keynes pregou a necessidade do estado tomar para si as rédeas da arrancada. Caberia a ele, ao estado, já que o mercado por si só não o fazia, assumir a função da demanda. Ao encomendar grandes obras públicas, ao estimular determinados projetos de impacto (auto-estradas, pontes, ginásios, represas, etc...) o estado fazia com

que o setor privado voltasse a ter vida. Ao empregar gente nas obras públicas rompia-se com o bolsão do desemprego.

Diminuindo o número dos desocupados, as fábricas, voltando a produzir, reduziam a sua capacidade ociosa. Keynes disse que se inspirou nos faraós do Egito antigo que, através da construção das pirâmides, mantinham a atividade econômica entre os intervalos das colheitas, ocupando as massas em empilhar pedras para glorificar o seu rei.

Um novo cenário otimista inundava a sociedade. A poupança dos capitalistas, entesourada, voltava a ser aplicada. As engrenagens econômicas voltavam então a girar e saía-se da crise, porque restabelecia-se a confiança no futuro e com isso retomava-se os investimentos. É evidente que havia um custo. O estado era obrigado a recorrer ao déficit público e a uma moderada inflação, mas era um preço módico para sair-se da depressão.

Esta função do estado como elemento fundamental para superar a estagnação, foi considerada uma verdadeira heresia. Na época e até hoje os principais pensadores neoliberais (von Mises, Hayek, Milton Friedman, e outros) condenam Keynes por ter dado relevância ao papel do estado, pois para eles qualquer intervenção estatal é inaceitável. Nos anos 30 e, principalmente, depois da Segunda Guerra Mundial, a maioria dos países capitalistas continuou seguindo os ensinamentos de Keynes, na chamada revolução keynesiana, a quem muitos atribuem a notável prosperidade que se conheceu nos Estados Unidos e na Europa nos últimos 50 anos.

(*) O significado do termo investimento para Keynes é bem mais amplo do que comumente é empregado. Não se trata apenas de aplicar um dinheiro. Entendia-o como compra de equipamentos (bens de capital), aceleração da capacidade produtiva e ampliação dos bens de capital.



RELACIONE CICLOS ECONÔMICOS COM:

- Investimento: discuta como a teoria explica essa relação quem a formulou.